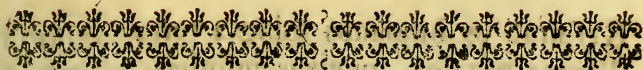
ODE
FEITA AO FALECIMENTO DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE DO BRAZIL, E DUQUE DE BRAGANÇA.

OFFERECIDA AO AMOR DA PATRIA

POR

P. J. de C. C. e S.

LISBOA,
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno MDCCLXXXVIII.
Com licença da Real Meza da Comissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

ODE.

DE negras ſombras, e de magoa pura,
Se cobrio a Liſia, ó Liſia triſte,
Cercando ſeus aridos terrenos,
Tanta dor, e ſuſto.

O largo eſpaſſo da Celeſte Esféra,
Já naõ moſtra a luz, brilhante, e pura,
Nella já ſe eſtendeo o negro manto,
De horror, e triſteza.

Vagaõ pelo ar triſtes ais, e ſuſpiros,
Que formaõ timido, e horrendo eſpanto,
Até no interior do firmamento,
Jupiter ſe intreſtece.

Reſpiraõ os humanos ſobre a terra
Tantos pezares, queixas infinitas,
E a inſana dezeſperaçaõ cruel impia,
Lhe raſga as entranhas.

O amargo ſilencio com baixo roſto
Ata todo o prazer, prende a alegria,
E para affligir a Liſia em tempo breve
Ligeiro velóz corre.

Dos ſaudozos olhos copiozo pranto
Innundaõ a terra, e buſcando os Mares,
Revolvem as arêas do Occeano,
E Neptuno eſtremece.

O continuo eſtrondo dos gemidos
Parece deſpedaça o Firmamento,
As Aves, que o eſcutaõ, perdem o giro,
Suſpenſas ſobre as azas.

Tranſmudada já ſe vê a natureza,
A confuzaõ, a dezordem prende o tempo,
E no fundo do abiſmo hoje eſconde
A candida alegria.

A juvenil idade aonde habita,
Inçanſavel prazer, e a paz ſerena,
Nutrida de diſgoſto, já ſe offrece,
Com roſto eſmorecido.

O Sabio, o Rude, o Inſenſato, o Aſtuto,
O congreſſo todo da humana gente
Outra vóz naõ levanta, que naõ ſeja
A perda inexoravel.

O' tu Parca cruel! tu deshumana,
Com deſcarnada maõ, mortal, e fria,
Moveſtes a dor, e o funeſto accazo
Da noſſa triſte Liſia.

Tu impia, ſubiſtes ao Regio Throno,
Sem reſpeito á Virtude, á Mageſtade,
O Sceptro, e a vida tu cruel roubaſtes
Do Auguſto Principe.

Roubaſtes, em fim, o Sublime Ramo,
De nobres fructos, da noſſa Monarquia,
Abundancia, a paz, e toda a riqueza
Levaſtes ao Sepulcro.

A Juſtiça, a Clemencia, a Igualdade,
O amor Paternal o noſſo ſoccego,
Tudo nos eſcondeſtes deshumana,
Na longa Eternidade.

Leva agora ſe queres, muito embora,
Tantos corações de dor partidos,
Que pouco vale a vida, quando chega
O ultimo infortunio.

Os Montes, os Valles, e as Espessuras;
Dezarma da mimoza Primavera,
E cobre para sempre os nossos campos
Do rigido Inverno.

Destroe de todo o recreio, a natureza,
Priva de todo a luz do claro dia,
E no insensivel, ó devoradora,
Estragos imprime.

Fabrica mil males, e mil destroços;
A' mizera, e caduca humanidade;
Que por mais, que fizeres, nada excede
A taõ fatal ruina.

Aprezenta já a nossos olhos tristes
Toda a fereza, da qual te animas,
Mas naõ mostres a foice em sangue tinta
Do suspirado Principe.

Vai laſtimar da terra a redondeza,
Que ainda que tu vaz a immenſos lares,
Apar de ti ouvirás, por onde fores,
O noſſo lamento.

Até no eſcuro ſeio, aonde habitas,
Medonha Regiaõ do ſentimento;
Abrazaráõ eſſas Tartareas portas,
Noſſa dor, e magoa.

Mas, ſaudoza Liſia, enxuga o pranto;
Adora a Suprema Maõ, que tudo rege,
Vê que te dá no meio do diſgoſto
Amparo, e Providencia.

Ella formou, ſem ter percizaõ ſua,
Tudo quanto vive, e cria a natureza,
Na Terra, e no Mar, e na meſma Esféra,
As nitidas Eſtrellas.

Naõ

Naõ lhe foi neceſſaria maſſa alguma,
Para compor taõ bella Arquitectura,
Foi o ſeu poder ſupremo, e infinito,
Materia, e principio.

Vinculou á natureza, que iſto anima,
O tributo da morte, e o duro eſtrago,
Tudo a ella ſe ſugeita, nada excepua
A Lei impreterivel.

Ella eſtende a ſua foice, ella devora;
O Plébeo, o Grande, a Tiara, o Principe,
E cega he, a razaõ, que injuſto faça,
Seu poder, e ruina.

Logo a creatura, aſſim que naſce,
Vai ſeu nome ao livro da exiſtencia,
Nelle o recto Juiz eſcreve, e aſſigna
O tempo preſcripto.

Em vaõ trabalhe o homem, em vaõ se canse,
Para estender o espaço á sua vida,
Pois naõ vence o artificio, e o dezejo
Os Decretos Divinos.

Ditozo, e feliz, aquelle que estuda,
Encher o coraçaõ de Sãa Virtude,
E ainda que breve dure cá na terra,
Eterna vida goza.

Quantos na flor dos mimozos annos,
Passáraõ de repente á Eternidade,
E os motivos porque, só os percebe
Quem tudo sabe.

Muitos inda hoje servem de motivo,
Da dor; da magoa, da afflicçaõ pura,
Gozando junto ao Throno Omnipotente,
O celestial descanço.

Qual outro José, Principe adorado,
Por alto Misterio naõ percebido,
Foi possuir em o brilhante assento
De melhor Imperio.

Bem sei, he justa a magoa, e justa a pena,
Mas quem goza, Augusta Mãi sublime,
Nella possue, por alto beneficio,
Igual ventura.

Do chorado Filho a virtude rara,
Que em triste quadro mostra o sentimento,
Foi da Suprema Mãi, em breve espaço,
O vivo retrato.

Nella, ó Lisia, gozas grande fortuna,
E os dons benignos, que o Ceo reparte,
Com elles enxuga, enxuga esse pranto
Do perdido Filho.

Do caro Irmaõ firmes eſperanças
Deve allentar teu eſpirito frouxo,
Elle tambem he Copia, da que ſepara
O temor da deſgraça.

O ſeu ſer, a ſua ſingular grandeza,
Foi beneficio da Maõ Divina,
Nelle a tua pena terá, o lenitivo,
Em o bem futuro.

Entre as lagrimas uni fieis os votos;
De pura fé, e amor ao Regio Throno,
Formai tambem, juntando a tantas penas,
Piedozos Hymnos.

Pedi ao Ceo proſpére, e nos conſerve
A Suprema, que rege, e nos domina;
Que conforto celeſte ampare a vida
Da afflicta Conſorte.

Que appareça a Regia deſcendencia
Taõ fecunda, taõ grata, e taõ benigna,
Que nella de continuo permaneça
Do Reino a ſegurança.

Junto ao Altar levai em Sacrificio,
A voſſa magoa, o voſſo ſentimento,
Moſtrai para alcançar o bem perdido
Reſignado ſpirito.

Inſeſſantes pedi, pedi conformes,
Perpetuo deſcanſo ao noſſo Principe;
Onde goze em prazeres ſempiternos
Coroa mais digna.

Baſta já Luſitanos, ceſſe o pranto,
Mitigai tanta dor, que o Ceo ordena,
Que o Principe, ſenaõ exiſte, elle vive,
No peito eſculpido.

F I M.